

PANORAMA POLÍTICO



TEREZA CRUVINEL • de Brasília

Contágio geral

• A opinião pública assusta os políticos e domina seus atos quando vem chegando a eleição. Depois, sentem-se de novo inalcançáveis. Um sinal do humor das ruas foi o aumento da impopularidade do governo, que acabou contagiado pela crise no Senado. O mesmo acontece na Câmara, onde finalmente a oposição conseguiu as assinaturas necessárias para instalar a CPI da Corrupção.

A queda da popularidade de FH e seu governo foi conhecida anteontem com a divulgação da última pesquisa CNT/Sensus. As chamas do Senado de certo modo engoliram a notícia. O presidente FH tentou, em vão, ficar longe da crise. Mas é sintoma inequívoco de que o governo foi contaminado a ocorrência da queda de popularidade justamente em abril, período em que tiveram destaque o escândalo da Sudam e o caso do painel do Senado, envolvendo aliados importantes do governo, como ACM, José Roberto Arruda e Jader Barbalho. O índice de aprovação ao governo (soma dos conceitos "bom" e "ótimo"), que vinha subindo continuamente há quase ano, caiu dos 33,3% de março para 29,7%. A opinião pública separa os poderes, mas não os aliados. O deputado Abi-Ackel (PPB-MG) conta ter ido a uma reunião no interior de Minas onde a convicção geral era que FH tem algo a ver com a violação do painel. Arruda não era seu líder no Senado?

No Senado, o medo da velha senhora dita o sentimento dos senadores, de que se não cassarem ACM e Arruda terão que se haver com ela. O povo põe todos os escândalos no mesmo

balaio. E já que ACM e Arruda deixaram pegadas, que sejam pegos. Na Câmara, o sinal de que os deputados também colaram o ouvido no chão veio anteontem, quando o primeiro tucano, Flávio Arns, assinou o requerimento da CPI. Ontem a oposição fechou o dia com 175 assinaturas. Os líderes de PT, PDT e PCdoB garantem que hoje terão 180, nove a mais que o necessário, para compensar as baixas que virão nas próximas horas. O governo está campo para obter o "arrepentimento" de quantos puder. Pagará caro, talvez um preço exorbitante, como entregar cargos do governo a gente em que não confia.

Mas tem o governo um plano B para o caso de a CPI tornar-se inevitável. Aceitá-la, mas com um alcance de investigação mais limitado. O líder Arthur Virgílio chega a falar em dois pontos: Sudam, um escândalo que já mostrou suas vísceras, e desvio das verbas do FAT, assunto que poderia envolver as centrais sindicais ligadas à oposição. A astúcia, entretanto, pode pouco quando as bancadas dessembestam como boiada numa direção. E, neste caso, na direção soprada pela opinião pública.

• Nem a CPI da Corrupção preocupava o Planalto mais do que o depoimento de ACM hoje. Falava-se muito num certo "dossiê do falecido". ACM negava qualquer plano de acertar contas.